

ANÁLISE CRÍTICA DO MUNDO DO MOVIMENTO DAS CRIANÇAS DE 1ª A 4ª SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DE RESTINGA SÊCA/RS.¹

Alexandra Marin Colpo²

Wenceslau Virgílio Cardoso Leães Filho³

Resumo: Esta pesquisa vem retratar uma preocupação com o mundo do movimento das crianças que vem sofrendo empobrecimento. Sabe-se que alguns fatores limitam suas experiências de movimento e que estas limitações se fazem ainda mais presentes no ambiente escolar. Desta forma, buscou-se, na pesquisa, duas orientações: a primeira, ganhar conhecimento sobre o mundo do movimento das crianças por meio de um estudo de caso e, a segunda, constituiu-se de uma análise crítica de todo o material coletado e descrito da realidade investigada. Conhecer, portanto, o mundo do movimento das crianças, propor e discutir aspectos para ampliar e desenvolver alguns caminhos para o trabalho da Educação Física nas séries iniciais, que considere o “mundo vivido” por elas são objetivos fundamentais. Acredita-se, pois, que as experiências das crianças podem enriquecer o planejamento e as aulas de Educação Física escolar.

palavras-chave: realidade.experiência.movimento.

ANALYSIS CRITICIZES OF the WORLD OF the MOVEMENT OF the CHILDREN OF 1ª 4ª SERIES OF BASIC EDUCATION IN the MUNICIPIO OF RESTINGA SÊCA/RS.⁴

Summary: This research comes to portray a concern with the world of the movement of the children that comes suffering impoverishment. Sabe that some factors limit its experiences of movement and that these limitations if make gifts in the pertaining to school environment still more. In such a way, one searched, in the research, two orientações: the first one, to gain knowledge on the world of the movement of the children by means of a case study, and second, one consisted all of a critical analysis of the material collected and described of the investigated reality. To know, therefore, the world of the movement of the children, to consider and to argue aspects to extend and to develop some ways for the work of the Physical Education in the initial series, that the “world lived” for them considers is objective basic. One gives credit, therefore, that the experiences of the children can enrich the planning and the lessons of pertaining to school Physical Education.

word-key: realidade.experiência.movimento.

INTRODUÇÃO

Sentindo-me responsável, por ampliar meus conhecimentos sobre as intervenções didáticas de ensino para a Educação Física Escolar e proporcionar aos meus alunos melhores vivências, melhores aulas de Educação Física, os quais pudessem participar e se empenhar na realização das tarefas; busquei conhecer como as crianças se movimentam, jogam, brincam e como constroem seus significados nas aulas de Educação Física. Minha formação e

¹ Trabalho apresentado ao curso de pós-graduação/Especialização em Educação Física Escolar para obtenção do grau de especialista.

² Profª. das séries iniciais no município de Restinga Sêca.

³ Profª. Mestre do Centro de Educação Física e Desportos/UFSM - Orientador do trabalho.

⁴ Work presented to the after-graduation course/Specialization in Pertaining to school Physical Education for attainment of the specialist degree.

habilitação, no entanto, é para as séries iniciais do ensino fundamental (1ª a 4ª), o que me exige um trabalho amplo e de conhecimento em todas as áreas.

Este município em que atuo como professora de séries iniciais, adota para um regime de 20 horas semanais, 16 horas de trabalho em sala de aula e 4 horas para o professor (a) desenvolver seus planejamentos, estando sempre à disposição da escola. Neste dia em que o (a) professor (a) tem sua hora atividade, um outro (a) professor (a) assume a turma . São chamados (as) de professores (as) itinerantes, possuem habilitação em magistério/ curso normal ou graduação em pedagogia; tendo este (a) que trabalhar conhecimentos e/ou habilidades relacionadas à Educação Física, Ensino Religioso e Educação Artística.

Acredito que para desenvolvermos conhecimentos e/ou habilidades a partir de aspectos lúdicos, necessitamos saber onde as crianças vivem, quais são suas experiências de movimento nos seus contextos sociais, como brincam e considerarmos isto para o planejamento das aulas de Educação Física. Assim, através deste estudo, busquei por meio de quatro crianças, três delas com idade de oito anos e uma com treze anos de 1ª a 4ª séries, conhecer os seus “mundos da vida”, para uma reflexão frente ao que está sendo proporcionado a elas enquanto experiências de movimento no ambiente escolar e as mudanças ocorridas com o passar do tempo. Este estudo não tem como pretensão utilizar as análises aqui feitas como parâmetro para todas as crianças, mas sim compreender, através delas, questões relacionadas ao movimento das crianças. Discutir a importância em considerar as vivências; as relações sociais para construção e elaboração de uma proposta de Educação Física escolar, alertando para a importância de conhecer a realidade sócio-histórica dos educandos, a fim de promover uma educação integral. Caso contrário estaremos apenas treinando corpos, reproduzindo movimentos. Bem como coloca Godoy (1995, p.32)

Só faremos uma educação física escolar se reconhecermos a “educação física não escolar” que está aí e que faz parte da realidade do nosso aluno, precisamos conhecer aquele com quem trabalhamos, com quem crescemos, com quem convivemos, com quem vivemos... a “mesma” realidade.

Portanto, convencida de que considerar as brincadeiras e as experiências de movimento do “mundo da vida” das crianças como ponto de partida para as aulas e para o planejamento de Educação Física escolar é fundamental, visto que brincar faz parte do mundo de movimento das crianças. Adotar este procedimento é ver o aluno como um ser social. Segundo SILVA; GARCIA; FERRARI (1989, p.13):

[...] o brincar é fonte de crescimento, saúde e conduz aos relacionamentos grupais. A busca da vida em grupo se faz necessária na medida em que a vivência do coletivo promove a relação entre o que é pessoal (interior) e o que é do grupo (realidade objetiva). Ao realizar essa experiência o indivíduo pode deixar fluir sua criatividade e utilizar sua personalidade integral. O brincar é, portanto, uma das possibilidades que o indivíduo tem de postular o seu “eu” em relação ao contexto.

É necessário não abrir mão do conhecimento do cotidiano, com vistas a oportunizar, nas aulas de Educação Física, uma compreensão de significados, seja em nível de planejamento, seja em nível de prática. Girardi (1995, p.84) enfatiza que “a consciência corporal, através das atividades lúdicas, das brincadeiras, poderá possibilitar melhor harmonia de movimento.”

Trazer para dentro da escola as atividades realizadas pela criança fora do ambiente escolar, torna as aulas de Educação Física, prazerosas. Não acredito que devemos apenas reproduzir as brincadeiras, o brincar pelo brincar, mas utilizarmos estas atividades para trabalharmos de forma a construir com os alunos saberes e normas flexíveis relacionadas às atividades de movimento a serem desenvolvidas. E, em algum momento, também será necessário oportunizarmos a criança liberdade em que ela vivencie o seu corpo e apenas “brinque”, deixando de lado as “formalidades”(GODOY, 1995, p.42).

Atuar como educador não consiste, portanto, em uma tarefa fácil, mas que exige um compromisso pessoal e social. Preparar-se deve ser o objetivo primordial daqueles educadores dispostos a fazer a diferença, pois é através da necessidade em aperfeiçoar-se que estes buscam o aprimoramento e o entendimento das diversas áreas do conhecimento.

Contudo, de 1ª a 4ª séries, na Educação Física escolar que é pouco discutida, estudada e até mesmo “ignorada” por alguns professores (as); são negadas as experiências que as crianças têm e que podem enriquecer e contribuir com um planejamento.

Nota-se no dia-a-dia da escola que falta base teórica de sustentação ao trabalho pedagógico do professor para que ele planeje e realize atividades significativas envolvendo o grupo de alunos; estando consciente de que a transmissão e ensinamentos de atividades, ordenadamente, não bastam.

Bem como enfatiza Santin (1968 apud MOREIRA;W.W.;1995, p.171-172), para uma reflexão sobre a legitimidade da educação física e do esporte, julga quatro pontos fundamentais:

Primeiro, o homem é um ser uno, e não apenas um ser racional[...]; Segundo, o homem é um ser que se move, e seu movimento ultrapassa os limites das simples atividades mecânicas[...]; Terceiro, o homem é um ser que brinca, aliás, condição essencial para se tornar humano[...]; Quarto, o homem é um ser que sente, e a sensibilidade, segundo a racionalidade e a eficiência produtiva, é um obstáculo para a funcionalidade e eficiência científica e tecnológica do mundo de hoje. Na educação física da forma e do ritmo não há lugar para a sensibilidade.

Refletirmos sobre estes aspectos discutidos por Santin e que em sua obra Moreira mais uma vez nos faz lembrar é imprescindível, pois estaremos lançando um olhar ou “novo” olhar sobre a criança. Passaremos a vê-la como um ser que tem características próprias, que devem ser consideradas. Os movimentos desta não podem estar exclusivamente ligados às

atividades mecânicas. Considerá-la como um ser social-atuante é um grande passo para realização e compreensão da Educação Física Escolar.

LOCAL E REALIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada no município de Restinga Sêca/RS, com quatro contribuintes, em especial, alunos (as) regularmente matriculados de 1ª a 4ª séries na E.M.E.F. Leonor Pires de Macedo. As visitas foram agendadas, anteriormente, de acordo com a disponibilidade da família. O contato era feito diretamente com os mesmos e na escola as observações eram realizadas, principalmente, no horário do recreio escolar.

Com relação aos procedimentos adotados, procurando ir além das observações, por meio das entrevistas com as crianças e familiares mais próximos, especialmente as mães, pude conhecer um pouco de cada família que com muito carinho me recebeu. A disposição de todos fez com que as entrevistas se tornassem um diálogo descontraído entre pesquisadora, crianças e familiares, quando era sentida a necessidade em perguntar as crianças sobre as aulas de Educação Física, as brincadeiras, sobre a relação delas com outras crianças ou crianças com adultos bem como sobre as mães se elas são super-protetoras, locais que elas consideram seguros para seu (s) filho (s) brincarem, se elas limitam ou não as brincadeiras das crianças. E, com autorização das famílias tirei fotografias de alguns locais por vezes citados pelas crianças, que serviram para auxiliar na análise.

Através dos mapas cartográficos, desenhos das próprias crianças, que também serviram para fins de análise, elas puderam expressar as brincadeiras, os brinquedos e os espaços das brincadeiras.

A segunda fase, então, constitui-se de uma análise do material coletado e descrito, que tem como parâmetro a fenomenologia hermenêutica, que considera o mundo vivido, a compreensão do ser humano em sua vida cotidiana. E, partindo deste enfoque é que busco visualizar o mundo do movimento das crianças para discutir caminhos e promover algumas reflexões necessárias para uma concepção didática da Educação Física nas séries iniciais do ensino fundamental que utilize como ponto de partida a questão do movimento com base nas experiências e vivências das crianças; que considere o aluno como um ser social, atuante e responsável também pela construção de saberes. Criar para o movimento e jogos, referências significativas e motivadoras para a realidade das crianças, faz-se necessário.

CARACTERIZANDO A ESCOLA E REGIÃO ONDE FOI REALIZADA A PESQUISA

O Município de Restinga Sêca, localizado na Região da Depressão Central do Rio Grande do Sul, tem um total de 17.125 habitantes; segundo dados do IBGE 2005. A formação

étnica do povo restinguense tem suas características nos lusos, alemães, italianos e negros. A agricultura e a criação de gado constituem-se na mais importante fonte econômica do município. A indústria se destaca, através das fábricas de móveis, laticínios e fábrica de calçados. O município dispõe, quanto ao ensino estadual, um total de 04 escolas e quanto ao ensino municipal, um total de 09 escolas.

A escola, que foi utilizada para minhas observações; está localizada na Vila Pelizaro, periferia da cidade. A Vila Pelizaro recebeu este nome em homenagem ao primeiro morador destas terras, chamado José Pelizaro. Localiza-se num ponto alto onde existem ruas planas e inclinadas que lhes dão acesso. Com 2 pisos, a escola com corredores e escada, possui 5 salas de aula, secretaria, biblioteca, laboratório de informática, banheiros feminino e masculino para alunos e banheiro para professores, sala dos professores e sala de recursos (educador especial), cozinha, uma quadra de esportes, pracinha e um amplo pátio para um total em torno de 230 alunos.

A seguir tratarei ao que se refere à Educação Física e o recreio escolar na E.M.E.F. Leonor Pires de Macedo.

No ensino fundamental, de 5^a a 8^a séries, os alunos dispõem de 2 aulas semanais e, nas séries iniciais, é a professora itinerante que já mencionei anteriormente quem desenvolve as atividades de Educação Física com os alunos 1 vez por semana. Quanto ao recreio, pela manhã, no horário das 10h e 15 min e à tarde a partir 15h 15 min. Com o sinal dado, os alunos se dirigem até a cozinha para pegarem a merenda. Espalhados pelo pátio da escola, fazem o lanche, levam o prato, talheres ou copo até a cozinha novamente e ficam livres para realizarem suas brincadeiras e conversarem. Muitos deles gostam de brincar nos balanços que ficam embaixo de grandes árvores com uma sombra muito agradável, no verão. A duração do recreio é de 15 min, quando devem aproveitar para ir ao banheiro e tomar água se necessário. Até julho deste ano, o recreio era de 15 min como foi mencionado antes, contudo, em reunião pedagógica no mesmo mês e ano, os (as) professores (as) sentiram a necessidade de ampliar este tempo, sendo 10 min para merenda, banheiro e água e 15 min para as crianças brincarem de fato.

O que se constatava, é que com apenas 15 min de recreio, as crianças saíam correndo para imediatamente pegarem a merenda e irem realizar suas brincadeiras. O que mais importava neste momento era fazer o lanche rapidamente; para brincar.

Os cuidados no recreio ficam a cargo do zelador da escola.

ANÁLISE DO MATERIAL COLETADO E DESCRITO

O grande valor desta pesquisa está no contato que obtive com os familiares e, em especial, as crianças, que muito têm a nos ensinar e por acreditar na importância do brincar, que deve ser preservado e cultivado nas famílias. Para que, com base nas brincadeiras infantis, como já havia mencionado anteriormente, se possa realizar um trabalho pedagogicamente estruturado que leve em consideração o brincar como forma de enriquecimento do trabalho do professor e aceitação da realidade da criança.

A importância da análise a seguir feita tem como base, uma realidade que ainda conserva o valor das brincadeiras e jogos tradicionais que, para muitas crianças, já não faz mais parte de seu dia-a-dia. Por isso, a importância do resgate e da valorização destas brincadeiras dentro da escola, sem excluir obviamente a existência de jogos e brinquedos prontos e dos novos instrumentos tecnológicos.

Hoje, com a entrada dos computadores na maioria das residências bem como o videogame e com a ausência dos pais, os pequenos passam “infinitas horas” em contato com esses aparatos que roubam preciosos momentos de construção coletiva e/ou individual do brincar e do se movimentar (experiências de movimento).

Sabe-se que é por meio das brincadeiras que a criança explora o meio social, define papéis, cria amigos imaginários, improvisa, desenvolve o pensamento. Conforme SILVA; GARCIA; FERRARI (1989, p.75):

As brincadeiras são um meio para se chegar ao coletivo geral da humanidade; nelas a criança trabalha questões importantes da essência do ser humano: medo, fantasia, faz-de-conta, além de experimentar relações sociais presentes em determinado coletivo (grupo social a que pertence) como cooperação, competição, ganhar, perder, comandar, subordinar-se, etc.

Contudo, o que está sendo imposto às nossas crianças é uma “**cultura de massa**” que para ela ser feliz e brincar necessita adquirir os produtos recentes, divulgados na mídia.

Para SILVA; GARCIA; FERRARI (1989, p. 125):

Se de um lado temos a cultura de massa que promove consumo e a utilização dos objetos como descartáveis e de fácil substituição apelando para que cada indivíduo reproduza o modo de vida capitalista, de outro temos as brincadeiras tradicionais que contêm elementos da tradição e que podem ser ressignificados no presente e dar inteligibilidade e sentido à história de cada um, bem como à história do coletivo.

Acompanhar e adquirir a quantidade de produtos que constantemente estão sendo lançados no mercado é quase que uma obrigação. E mais triste que isso, os pais deixam-se junto a seus “baixinhos” ser tomados pela influência do mundo mercadológico, sentindo-se obrigados a consumir para deixarem seus filhos em dia com o de mais moderno que existe.

Bem como coloca Antunes (2005, p. 24), que a resposta obtida frequentemente quando questionava os “pais que trabalham demais” sobre o pouco tempo que destinam aos

seus filhos, é de que em virtude do alto consumo imposto pela sociedade necessitam trabalhar demais para alcançar o “padrão de consumo” que consideram que seus filhos e eles próprios mereçam.

Com isto, então, vêm os reflexos aparentes relacionados ao mundo do movimento destas crianças. Brincar se tornou algo tão fácil e também prazeroso para algumas, mas com poucas possibilidades de desafio, ousadia e estratégias de jogo. Bem como enfatiza Santin (2001, p.55)

[...] O brinquedo enquanto imaginação mágica encontra um número cada vez mais crescente de inimigos que são treinados nos campos da ciência e da técnica. A fabricação de artefatos de brincar e a instalação de espaços bem delimitados de diversões para as crianças vai reduzindo o papel da imaginação. Esses artefatos industrializados, em primeiro lugar, estão inspirados na sensibilidade lúdica do adulto e não da criança; em segundo lugar, eles são instrumentos para brincar, e não brinquedos propriamente. O instrumento traz esculpida a função que deve desempenhar; ele já tem fisionomia, tem nome, tem identidade. No brinquedo, ao contrário, é a sensibilidade lúdica da criança que fantasia suas criaturas, inventa nomes, define papéis e os altera quando quiser [...].

Criar brinquedos e brincadeiras permite à criança desenvolver a imaginação e a criatividade. Pedacos de gravetos, valas, areia, árvores, o campinho, a rua; são coisas e espaços que possibilitam a exploração de diferentes formas de movimento e expressão.

E, para minha felicidade e realização, encontrei na realidade investigada, brincadeiras comuns àquelas crianças; o que já era esperado, pelo espaço, tempo que é favorável a elas e pela baixa condição sócio-econômica que é um fator decisivo para a não aquisição de brinquedos e aparatos oferecidos pelo mercado. São crianças que ainda cultivam o brincar como ato coletivo no grupo de amigos ou familiares. Brincar de esconde-esconde, de casinha, fazer castelo de areia, andar de bicicleta, jogar bola, pega-pega, subir em árvores são brincadeiras citadas por elas e que, quando observadas, percebi que são realmente significativas. Apenas constatei que a rua, a casa de amigos, o pátio da casa, são os espaços mais utilizados pelas crianças para realizarem suas brincadeiras, com exceção da menina que participa do projeto oferecido pelo município e que é restrito a um número “x” de crianças; que têm acesso a outros espaços para realizar suas experiências de movimento.

As brincadeiras nesta realidade necessitam ser criadas e recriadas com aquilo que o meio social lhes oferece no momento: um carrinho, uma boneca, uma bola, a bicicleta, o pátio da casa, a festa da escola, da qual participam apenas para brincar. Isto é que proporciona a elas lazer, pois são crianças de uma realidade bastante simples. O meio em que estão inseridas, dado à realidade existente, faz com que perpetuem jogos e brincadeiras tradicionais.

“O tempo e o espaço definem, pois, as características de cada brincadeira” (FRIEDMANN, 1996 apud CARDOSO, S. R.; 2004, p.51). “Os tipos de jogos, brinquedos e brincadeiras estão relacionados aos recursos socioeconômicos das crianças, do espaço que

elas possuem para brincar e da idade em que cada grupo se encontra” (CARDOSO, 2004, p.51).

Portanto, quando perguntado ao menino “F” em qual local mais gosta de brincar, ele respondeu: - “Num campinho que tem perto de casa”. E à menina “J” perguntei a ela:

- Quais os locais em que tu mais gostas de brincar? Ela respondeu: - “Ali na grama, de escolinha. Nós brincamos no quarto do tio “N”, de escolinha. Eu sou a professora e a mana é a aluna. Nós pegamos as tabuinhas pra brincar, a vó dá uns lápis e nós brincamos”. “D” e “B” , me falam de seus desenhos. Segundo “D”, o local em que ele gosta de brincar é na casa de seu amigo. Diz não gostar de brincar sozinho. A “B” através do desenho, representa o pátio da casa como um local onde realiza suas brincadeiras.

Estas são crianças que vivem e respiram o próprio meio, realizam suas experiências de movimento de modo criativo e saudável através de brincadeiras criadas por elas e brinquedos simples dentro daquilo que as famílias podem lhes oferecer. Eles se locomovem até a escola a pé; a “J”, o “D”, a “B” e em especial o “F”, que se mudou para um lugar bem distante da escola. Ele me disse que vai a pé para a escola porque não gosta de chegar atrasado, utiliza o Escolar apenas para voltar. O Escolar é um ônibus fretado pela prefeitura para transporte apenas das crianças de Pré e 1º ano (6anos), contudo com autorização, em casos especiais, outros alunos podem utilizar esse transporte.

Através dos desenhos (mapas cartográficos) solicitados a estas crianças, pude constatar que eles fazem um retrato fidedigno de suas realidades. Representaram através deles, o ambiente familiar, os brinquedos e locais onde brincam não se distanciando de casa.

Isso pode ser explicado, porque quando perguntado às mães, sobre o local ideal para seu (sua) filho (a) brincar, obtive as seguintes respostas: - “Só dentro do pátio”; “Eu prefiro que elas brinquem em casa”; “Eu gosto que ela fique em casa sempre, eu não gosto muito de deixá-la muito ela sai, sabe? Não gosto. Se ela convida as coleguinhas dela, então, ela brinca aqui no pátio. Não gosto muito que ela saia assim pelas casas, sabe? Eu gosto onde eu posso cuidá-la, tô vendo o que ela tá fazendo”. E, quanto ao menino “F” pouco contato obtive com a família, porém pude verificar que as crianças são bastante responsáveis. Seus pais se afastam o dia todo e seus filhos ficam sozinhos.

Partindo do diálogo anterior, a fim de uma análise específica, geral e atual, as mães entrevistadas demonstraram que preferem que seus filhos ou filhas brinquem em casa. Por isso, trago a seguinte discussão: O que faz com que alguns pais impeçam seus filhos de saírem de casa sozinhos ou brincarem na rua? É o medo da violência? Os pais, que com medo primam excessivamente pela segurança de seus filhos, acabam, de certa forma, limitando suas

experiências de movimento. Assim, muitas delas são destinadas a brincar nos espaços internos de suas casas e com um atrativo, que são os meios tecnológicos. E quando estas não dispõem destes meios, que é o caso da realidade investigada, acabam criando suas próprias brincadeiras com aquilo que lhes é oferecido e permitido naqueles espaços que os pais consideram seguros. Que pena que a sociedade impõe às famílias e conseqüentemente às nossas crianças medo, o que não as deixa serem livres para saírem às ruas e explorarem o meio externo às suas residências que também muito pouco lhes oferece.

Diante disto, surge um convite de reflexão sobre os espaços que são oferecidos às crianças, partindo de um pensamento abordado por Ferreira (2006, p.51),

Afinal, é preciso pensar no espaço que é destinado à infância nos tempos atuais. Espaço ou espaços?...Que, na maioria das vezes, são esmagados pelo tempo e pela própria redução de espaços. Com qualidade de vida ou descartáveis? Espaços com outros sentidos, marcados pelo tempo de agenda cheia, programada pelos próprios pais, que, na melhor das intenções, preocupam-se com o futuro dos filhos.

No diálogo com as mães e com as observações, pude verificar que três das crianças acompanhadas se relacionam, na maioria das vezes, com outras crianças além do convívio familiar com pessoas adultas, com exceção de “D” que por imposição da mãe, mais convive com as pessoas da casa que são adultos. A seguir, o diálogo para ilustrar:

P- Na maioria das vezes o “D” se relaciona mais com adultos ou crianças?

E- Mais com adultos.

P_ Quem seriam essas pessoas?

E- Pai, mãe e irmãos.

P- Então, brincar é muito pouco?

E- É.

P_ Por que? A senhora não deixa?

E- Até gostaria de deixar, mas ele é muito medonho. “D” interfere dizendo: _ “brigão”. E a mãe: _ “Briga, às vezes, sabe Alixandra, muito briguento. Então, para não dar confusão eu não deixo.”

Neste diálogo, pude perceber que “D”, já interiorizou que ele realmente é brigão, foi esta a visão que a mãe passou ao filho, por isso ele não brinca mais tempo com seus amigos e permanece junto com a família em casa. Pude observar que quando o menino está longe da mãe ele consegue manter um diálogo e quando próximo ele esconde o rosto atrás dela e quase não responde as perguntas. Infância e juventude é coisa séria, faço um chamamento a todos os pais e professores: - O que estamos fazendo com a infância e juventude de nossas crianças?

Um novo olhar sobre a criança é necessário. Segundo as palavras de Valeska Fortes de Oliveira⁵: “Precisamos enxergar nossas crianças do ponto de vista antropológico, realmente como elas são e não como nós gostaríamos que elas fossem (informação verbal)”. Para mim, ser criança é brincar e poder decidir livremente, para que desenvolva a imaginação. Diferente disto estaremos a todo o momento na tentativa de moldarmos crianças perfeitamente disciplinadas. Normalmente, proporcionamos a elas o brincar no sentido de ordenar, onde aprendem somente com o adulto, idéia que há muito vem sendo implantada dentro das escolas.

Por falta de conhecimento apropriado, deixamos as coisas soltas, perdemos o controle da situação ou será que estamos acomodados? Como é, então, a Educação Física na escola? Quando perguntei às crianças quem é que propõe as atividades nas aulas de Educação Física, todos eles responderam: - “A professora”. Quando perguntei as crianças se elas consideram as aulas de Educação Física um momento só de brincadeiras; “B” balançou a cabeça dizendo que sim. Já a “J” disse que gosta das aulas de Educação Física porque pode brincar à vontade. O “D” não me respondeu, preferiu manter o silêncio. O “F” disse que não é só um momento de brincadeiras, mas não soube me dizer o que é Educação Física.

Vejo, a partir do diálogo com as crianças, que é necessário o professor conversar com os alunos sobre as aulas de Educação Física. Será que podemos considerar a educação física como um momento só de brincadeiras? O que é brincar? Podemos, sim, e devemos considerar a Educação Física como lúdica, em que o brincar esteja presente do início ao fim, que seja prazeroso para a criança desenvolver as atividades propostas. Mesmo no jogo de regras, a criança brinca, uma vez que esta esteja disposta a participar.

Baseada em Scheines (1991 apud CARDOSO, 2004, p.43) quando “afirma que, para que ocorra jogo, devem existir regras. A submissão do jogador às regras é vista como um ato voluntário. Portanto, o prazer e a liberdade de escolha preservam a ludicidade implícita no ato de jogar.”

Portanto, faz-se necessário que o educador tenha um trabalho pedagogicamente estruturado, analisado e, principalmente, que este seja avaliado e reavaliado. A constituição de normas, conceitos, planejamento, planos de aula, são aspectos necessários e que devem estar presentes no trabalho do professor. A falta, no entanto, de um trabalho com objetivos claros e bem definidos, deixa os alunos em dúvida de qual o real papel da Educação Física na escola.

⁵ Informação fornecida pela Profª. Drª. Valeska Fortes de Oliveira no curso: Parâmetros norteadores para a Educação na infância: uma proposta coletiva, em abril/maio de 2006 no município de Restinga Sêca.

Desta forma, precisamos trilhar alguns caminhos. Para que consideremos as brincadeiras como componentes do processo educativo, devemos resgatar dentro de nós, professores, a alegria de brincar; além de, como já foi dito anteriormente, conhecer o mundo vivido pelas crianças.

Segue-se, então, um breve relato da primeira visita à residência de cada uma das crianças e ao projeto Asema, para ilustrar um pouco mais a realidade investigada.

Ao chegar à casa de “B”, sua mãe preparava o almoço. Fui muito bem recebida, sentindo-me bem à vontade. Numa casa simples, com apenas três cômodos, convive a família de cinco pessoas. Nos fundos da casa, tem uma vala com água corrente. Ao lado, tem uma barraca e muito cascalho, onde “B” e seus irmãos gostam de brincar. Descem o barranco até próximo à vala e sobem; descem e sobem, rindo muito e se a mãe não interferisse dizendo para pararem; seguiriam horas naquela brincadeira.

Em seguida junto com “B”, fui conhecer o Projeto Asema, do qual a aluna participa e gosta muito. Chegando lá, “B” se junta aos amigos que estavam olhando filme e eu fiz alguns questionamentos à pedagoga e à coordenadora do projeto para conhecer o funcionamento do mesmo. Chegar ao projeto é momento de prazer e satisfação para “B”. Nota-se, no olhar da menina, a felicidade por estar junto com outras crianças e podendo fazer algo que em casa não é possível: - olhar televisão. E por que não é possível, você pode estar se perguntando neste exato momento. A família não possui televisão em casa, diferente de muitas crianças que passam horas a fio em frente à TV e deixam de lado momentos de convívio familiar e social, o que interfere drasticamente em suas experiências de movimento causando males à própria saúde não só física, mas psicológica.

Sentindo, no entanto, a importância do projeto para ela, resolvi, então, relatar o que é Projeto Asema. Algumas vezes, acompanhava a “B” até o projeto, onde podia observá-la se relacionando com outras crianças dentro de um contexto social que fazia parte de sua vida diariamente.

Asema, portanto, é **APOIO SÓCIO-EDUCATIVO EM MEIO ABERTO**. Projeto Pequeno Cidadão, que inclui crianças e adolescentes entre 7 e 15 anos de idade. O projeto oferece almoço, hora para repouso, brincadeiras, apoio escolar e prima pela higiene corporal e bucal. Um dos critérios de seleção para freqüentá-lo, é estar estudando. Crianças indicadas pelo Conselho Tutelar têm prioridade. É mantido com verbas do Estado e Prefeitura e possui como Lema: Parceria Família– Escola – Projeto.

Assim, sigo minhas visitas, em dias alternados.

O menino “F” estava na casa de seus primos brincando, que fica bem próximo à escola. Lá pelas 10 horas “F” veio até a escola para me levar a fim de conhecer sua casa. Caminhamos muito até chegar ao local onde está morando, pois há bem pouco tempo mudou-se, morava numa rua que fica nos fundos da escola. Ele me contou que, ao meio-dia, vai até a faixa próxima à sua residência para pegar seu irmão que desce do ônibus escolar e atravessá-lo na faixa em direção à casa. Dali, quem segue para escola é ele, a pé para não se atrasar. A aula começa às 13h. Pontual e esforçado, “F” já está na 4ª série, obtendo dois anos de promoção à série seguinte por estar plenamente apto a cursar. Com apenas 8 anos, além de dedicado, demonstra ser muito responsável. Enquanto eu e seu pai conversávamos, brincava com sua prima de bicicleta em frente à sua casa, numa rua muito tranqüila.

Num dia lindo... Chegando à casa de “D”, sua mãe me disse que ele havia ido à escola para me buscar. Conversei com ela, que me falou sobre as atividades e as brincadeiras realizadas por “D”, normalmente, em seu dia-a-dia. Fiquei por algum tempo conversando com a mãe de “D” e ele não chegou. Retornei a escola e lá estava ele a minha espera, conversamos e ele foi embora.

E mais uma visita. Já estou em companhia de “J” e sua mãe. “J” foi até a escola junto com a irmã que estava indo para a aula à tarde, de ônibus escolar. Saímos da escola e fomos a pé até sua casa que não é muito distante. Lá fui muito bem recebida por sua mãe. “J” me mostrou suas fotos de quando era bebê e me contou que gosta muito de dançar. Enquanto estava em sua casa, ficou todo tempo junto comigo e sua mãe. Apenas brincou com um ursinho ali no chão da sala mesmo.

A cada nova visita, muitas expectativas, pois sabia que estaria em contato com crianças e famílias que carregam consigo uma história, anseios em compartilhar aspectos próprios e particulares de cada um e que muito iriam contribuir para o enriquecimento das minhas atividades enquanto professora de séries iniciais daquela realidade, em especial, a pesquisa proposta e que foi aceita com satisfação por todos.

CONCLUSÃO

Ao realizar a pesquisa, a preocupação foi com o mundo do movimento das crianças, pois este se constitui em uma fonte de enriquecimento para as aulas de Educação Física escolar, quando considerado como tal. A proposta lançada a todos educadores, durante a explanação desta pesquisa, é que levemos em conta o mundo vivido, as brincadeiras, as experiências de movimento das crianças no ambiente escolar, em especial, o brincar que é significativo a todas as crianças.

Foi bastante enriquecedor o contato com todas as famílias e pude perceber que a valorização da realidade da criança pode contribuir efetivamente com o trabalho do professor.

“B”, menina que participou do projeto, era aluna da 1ª série em que eu era professora titular. Antes do início do projeto, tinha problemas com a menina por negar-se, algumas vezes, em realizar as atividades. Reclamava bastante dizendo que não queria fazer e acabava agitando e dificultando o trabalho em sala de aula. Uma vez iniciado o projeto, comecei com as visitas. Isso foi o suficiente para eu conquistar a menina “B”. Ela sorria quando eu dizia que ia visitá-la.

Desta forma, vejo que é necessário um olhar sobre a criança e não o aluno. A partir do momento em que começarmos a enxergar a criança em casa, na escola, na rua, teremos melhores condições para desenvolvermos um trabalho consciente de todos os fatores que limitam o movimento das crianças. Não vamos deixar de oferecer às nossas crianças uma Educação Física escolar agradável e prazerosa.

Cabe à escola, propiciar não só a integração efetiva desta prática educativa aos alunos, mas possibilitar aos professores formação e atualização constantes, promovendo discussões relacionadas ao significado e à importância da Educação Física escolar.

Não se pode, no entanto, ignorar as histórias de vida. O professor tende a reproduzir em suas aulas aquilo que lhes foi proporcionado enquanto experiências de movimento.

Romper com essa visão mecanicista é necessário, onde o(a) professor(a) determina e os(as) alunos(as) apenas desenvolvem movimentos totalmente descontextualizados, bem como, com a visão de que trabalhar a realidade da criança é deixar que faça o que quiser. Ao contrário disto, entendo que o mundo de movimento deve ser considerado como um aliado de um trabalho com objetivos, seqüência, diálogo entre professores e alunos. Aprender a decidir, assumir compromissos conjuntamente faz-se necessário nos dias atuais. Contudo, mesmo que consciente destes fatores percebo na prática diária, uma visão errônea dos alunos sobre a Educação Física escolar e um pensar e agir bastante confusos dos educadores que trabalham a Educação Física nas séries iniciais. Portanto, todos os sujeitos poderão optar por estarem ou não envolvidos com este processo de construção coletiva e conjunta nas aulas de Educação Física escolar.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO:

ANTUNES, H.S. Tempo para ser criança. In: Maciel, E. A. et.al. **Vivências das infâncias: contextos e perspectivas**. Cadernos Temáticos/ IV. Santa Maria: Pallotti, 2005.

- CARDOSO, S.R. **Memórias e jogos tradicionais infantis: lembrar e brincar é só começar.** Londrina: Eduel,2004.
- FERREIRA, V.L.d.I.S. Espaços voltados à infância. In: Maciel, E. A. et.al. **Vivências das infâncias: contextos e perspectivas.** Cadernos Temáticos/ IV. Santa Maria: Pallotti, 2005.
- GIRARDI, M.J. Brincar de viver o corpo. In: Piccolo, V.L.N. (org.) **Educação Física Escolar: Ser...Ou Não Ter?**.Campinas, 3 e.d. SP: Editora Unicamp,1995.
- GODOY, J.F.R.d. Educação Física não escolar. In: Piccolo, V.L.N. (org.) **Educação Física Escolar: Ser...Ou Não Ter?**.Campinas, 3 e.d. SP: Editora Unicamp,1995.
- MOREIRA, W.W. **Educação Física Escolar: Uma abordagem Fenomenológica.** 3 e.d.- Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.
- SANTIN, S. **Educação Física da alegria do lúdico à opressão do rendimento.**3e.d.- Porto Alegre, RS: EST edições, 2001.
- SILVA, M.A.S e., GARCIA, A.L.& FERRARI, S.C.M. **Memória e brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX.** São Paulo: Cortez/ Cenpec, 1989.

Alexandra Marin Colpo

e-mail: acolpo@pop.com.br

Endereço: Rua Lauro Machado Soares, 333 – B. São José

Santa Maria/RS

Wenceslau Virgílio Cardoso Leães Filho

e-mail: wleaesfilho@uol.com.br

Endereço: Rua 3 Parque Fiori D'tália, 50 – Camobi

Santa Maria/RS